

O Teste de Turing

Luís Carlos Eiras

Copyright©Luís Carlos Silva Eiras

O Teste de Turing

ISBN: 978-1-4580-7424-9

Do autor:

Viagem ao País de Tropicana (A Quinta Viagem de Gulliver), 1982

A Expansão da Memória (A Sátira da Informática), 1986, 1988

Clube dos Autores, 2011

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
LEVANTAMENTO INICIAL	8
ANTEPROJETO	74
PROJETO LÓGICO	99
PROJETO FÍSICO	153
IMPLANTAÇÃO	187
MANUTENÇÃO	212
A INTELIGÊNCIA NA ÉPOCA DE SUA REPRODUÇÃO TÉCNICA	267

PRÓLOGO

"Proponho a seguinte questão: 'Podem as máquinas pensar?'. A consideração disso deveria ser iniciada com definições do significado dos termos 'máquina' e 'pensar'. As definições poderiam ser ordenadas de modo a refletir, na medida do possível, o uso comum das palavras, mas tal atitude é perigosa. Se os significados das palavras 'máquina' e 'pensar' tiverem de ser encontrados por meio de um exame de seu uso habitual, será difícil escapar à conclusão de que o significado da e a resposta à pergunta 'Podem as máquinas pensar' deverão ser procurados numa pesquisa estatística do tipo Gallup. Mas isto é absurdo. Em vez de tentar uma definição deste tipo, eu substituiria a questão por outra, que está relacionada de perto com ela e é expressa em palavras menos ambíguas.

A nova formulação do problema pode ser descrita em termos de um jogo a que nós chamamos 'jogo de imitação'. É jogado por três pessoas: um homem (A), uma mulher (B) e um interrogador (C), que pode ser de qualquer dos sexos. O interrogador permanece num quarto, separado dos outros dois. O objetivo do jogo, para o interrogador, é determinar, em relação aos outros dois, qual o homem e qual a mulher. (...)

Agora formulamos a questão: 'O que acontecerá quando uma máquina ocupar o lugar de A nesse jogo?'"

Alan Turing, *Computadores e Inteligência*, 1950

LEVANTAMENTO INICIAL

*"Give me money!
A lot of money!
Money, please!
Give me money!
That's what I want!
That's what I want!"*

(Bradford/Gordy, "Money")

28 de março

Querido diário:

"Quer dizer que a partir de hoje nós vamos colocar os nossos computadores para pensar?", me disse Humberto Pound sorrindo ao mesmo tempo que assinava o contrato entre o seu banco e a Alan Turing Sistemas Especialistas, a minha empresa.

"Exatamente. Garanto que o banco vai ficar muito satisfeito com o nosso trabalho", eu respondi. Há dez anos uma frase assim me mataria de vergonha ou seria dita com a máxima ironia.

Humberto Pound ia me passando as vias para assinar e vi, então, o seu relógio de pulso: um relógio de ouro com um cavalo galopando os segundos no meio. Humberto hoje contrastava com algumas fotos coloridas penduradas na parede e em porta-retratos em cima da mesa.

Nelas um Humberto Pound sem barriga e de costeletas vestia ternos brilhantes e gravatas largas e coloridas naquela cafonice moderna dos anos 70 com outras pessoas vestidas com igual apuro estético. Mas tudo muda. Mais cedo ou mais tarde todo executivo evolui das roupas coloridas para a sabedoria do terno preto, azul escuro ou cinza, a camisa branca e apenas a gravata colorida.

Atrás de Humberto estava Fidelis Custódio ou Custódio Fidelis, nunca decorei o certo, o seu papagaio de pirata. Todo homem importante tem um papagaio de pirata, o seu puxa-saco, o seu *aspone*. Há dez anos eu pensaria que uma pessoa assim é um desperdício, um parasita em qualquer sistema. Hoje sei a sua importância. É impossível se fazer uma peça de teatro sobre Einstein: ele não tinha amigos nem *aspone*.

"Bom, agora é mãos a obra", disse Humberto ao assinar a última via.

"A gente bem que podia abrir um champanhe", disse Fidelis Custódio tentando ser engraçado.

"Champanhe a gente não tem no momento. Arruma um café pra gente, Custódio."

"Pois não, doutor Humberto." Custódio saiu da sala.

"Uma via é sua", Humberto como sempre estava sendo gentil. Presidente de banco é sempre gentil.

"Obrigado", eu disse. Peguei a minha cópia do contrato com estudada displicência e a guardei na pasta. O contrato salvava minha empresa, mas em hipótese alguma costumo demonstrar emoções para clientes.

Enquanto esperávamos Custódio trazer o café, caímos naquele ligeiro mal-estar que acomete duas pessoas sem assunto.

"Ah, como é mesmo que começou esse seu interesse pela inteligência artificial, pelos sistemas especialistas?", me perguntou Pound antes que a situação ficasse insuportável.

"Bom, a inteligência artificial é uma evolução natural dos programas de computador. Os computadores começaram a ser usados no cálculo, depois evoluíram para os arquivos, os bancos de dados e as comunicações. Até chegar na situação atual que é a de auxiliar as pessoas a tomarem decisões."

Custódio voltou com a bandeja de café. O normal é o garçom servir, mas Custódio entrou na sala com a bandeja de café. Muito lógico.

Fomos servidos.

"Muito bom, muito bom", disse Humberto terminando o seu café. "Agora então é cumprir o nosso contrato."

"Exatamente. E já estou indo para o trabalho."

Me levantei, prometi trazer logo os primeiros resultados e me despedi dos dois.

"Bom feriado para o senhor", disse Custódio quando eu saía da sala.

"Obrigado. Pra vocês também", respondi automaticamente. Me despedi com alegria da secretária no saguão e fui esperar o elevador. Eu não podia conter os sorrisos.

Saí do banco e fiquei andando pelo centro da cidade vendo coisa alguma: livros, bancas, o povo andando para todos os lados, tomei mais um café, vi camisas, relógios e bugigangas eletrônicas, enquanto saboreava o contrato naquele ora calor ora frio dos prédios. Depois me

cansei, achei um táxi (uma luta, nunca vou ao centro de carro) e quando cheguei na Alan Turing Sistemas Especialistas já eram quase seis horas.

Só a minha secretária me esperava. Perto de sua mesa várias sacolas.

"Foi bom o senhor ter chegado. Eu vou viajar e estou atrasadíssima."

"Tira uma cópia, me dá, arquiva o original e depois você pode ir."

Fui para a minha sala e liguei o computador. Eu tinha uma grande notícia para dar para minha equipe, mas estava sozinho. Sentei-me na minha cadeira e fiquei olhando a tela. Milhões de anos de evolução para produzir um homem na frente de um microcomputador sem saber o que fazer. Por fim, mandei uma inútil mensagem para todos pelo correio eletrônico sobre o contrato.

"Aqui estão as cópias do senhor. Posso ir?"

"Pode."

"Bom feriado para o senhor." A secretária saiu correndo. Ouvi a porta da sala sendo fechada.

"Pra você também", falei pausado. Ela não pode ter ouvido.

Desliguei o micro e fui preparar alguma coisa para comer. Eu moro na Alan Turing Sistemas Especialistas, minha microempresa. Na parte de baixo ficam a minha sala, as salas dos analistas com os computadores, a recepção com a mesa da secretária, os arquivos, o banheiro e a cozinha. No andar de cima estão o meu quarto com uma suíte, a biblioteca e a sacada que dá para o quintal, além de um quarto-laboratório-despensa. Morando no emprego eu nunca chego atrasado e economizo vigia.

Coloquei uns enlatados para esquentar, comi com a fúria de sempre e depois fui ver televisão no meu quarto. O jornal local tinha acabado: carros e mais carros passando à noite numa estrada, enquanto subiam os letreiros.

Quando começou a novela das oito e meia, tomei um banho e comecei a buscar companhia. Liguei o computador na agenda de endereço e disquei para uma amiga.

"Olha, ela não está. Ela viajou."

Disquei para a segunda amiga.

Não atendeu.

Disquei para a terceira amiga.

"Ela só volta depois do feriado. O senhor quer deixar recado?"

"Não, obrigado. Eu ligo depois."

Disquei para a quarta amiga.

"Oi, tudo bom. Me desculpe, mas eu estou saindo para ir para a praia nesse momento. Quando eu chegar eu te ligo, tá? Um beijo."

Pensei um pouco. Liguei para minha ex-mulher.

"Ela viajou com as crianças. Ela não te avisou?", disse educada como sempre minha ex-sogra.

"Não, senhora."

"Ela viajou pro sítio de uma amiga dela. Pensei que ela tinha te avisado. Ela sempre avisa, não?"

"É, desta vez ela esqueceu. Boa-noite pra senhora."

"Boa-noite. Se você quiser, vem almoçar aqui em casa."

"Obrigado. Se der eu vou."

Liguei para uma quinta amiga.

"Oh, amor, eu não posso te atender agora. Quando a maquininha fizer pim, deixe o seu recado que depois do feriado eu ligo."

Pim. Desliguei o telefone.

Me dei conta que eu era o único em Belo Horizonte que não tinha pensado no feriado. Na agenda do computador havia mais algumas opções, mas aí o problema se invertia: era preferível ficar sozinho a ter êxito. Eu ia passar aquele resto de quinta, sexta, sábado e domingo na maior solidão.

Pego o controle da TV e me joga na cama. Novela. Zap! Noticiário. Zap! Entrevista. Zap! Um documentário sobre animais do deserto na TV educativa. Um gavião vê, voando alto, a briga entre um papa-léguas, uma ave inteligentíssima, e um lagarto, um animal muito antigo. O papa-léguas fura os olhos do lagarto e vence a luta. O gavião, então, mergulha, mata a ave e começa a comer os dois. Muito instrutivo. Zap! Novela. Passo para o satélite. Anúncios. Zap! Esporte. Zap! Anúncios. Zap! Esporte. Zap! Filme velho. Zap!

Me lembrei de um vídeo com filmes de computação gráfica gravado num festival japonês, que um amigo me tinha emprestado e eu tinha esquecido de ver. Coloquei a fita. Fiquei vendo aquele surrealismo cartesiano - imagens delirantes em cima dos eixos x, y e z - durante uma meia hora. Sempre impressiona no início e depois vira aquela chatura. Desliguei tudo, abri uma garrafa de vinho e fiquei lendo uma coisa e outra até dormir.

29 de março

O alarme de um carro me acorda no feriado às 9 horas da manhã. Milhões e milhões de anos de evolução para produzir uma pessoa que, ao abrir o carro, dispara o alarme contra ladrões que ela mesma colocou, acordando toda a vizinhança. É sempre assim, todo sábado, domingo e feriado.

Saio da cama e olho para a rua. Está frio e chovendo. Não vejo o carro-despertador. Vou ter que usar muita imaginação para atravessar o feriado. Tomo um banho, visto meu roupão listrado de vermelho e azul e vou até a sacada nos fundos da casa. Limpo os pingos da chuva que estão na antena parabólica - um prato preto japonês do tamanho de um velho LP - e olho Belo Horizonte lá em baixo, as nuvens escuras sob os prédios.

Belo Horizonte. Ninguém ama esta cidade. O desprezo começa já no início, quando se transfere a capital de Minas de Ouro Preto para cá, passa por Carlos Drummond de Andrade, que a abandona em 1934, e por todos os poetas e escritores, que a trocaram pelo Rio, pelos jecas que fogem para suas bibocas de origem ao menor sinal de folga como agora, pela classe média que foge para a praia nas férias e pela indiferença dos pobres e dos mais jovens. E nenhuma música, nenhuma poesia, nenhum livro que preste em louvor à cidade. No máximo alguns elogios tímidos dos criadores de cabra e do pessoal da energia solar - a cidade é a mais ensolarada do país, descontando-se obviamente o dia de hoje.

Olho a cidade lá em baixo, as nuvens escuras, os pingos que me molham, a infinita tristeza que é uma grande cidade num dia de chuva.

Volto para dentro de casa, vou para o andar de baixo e preparo o meu café: café solúvel com leite condensado, granola, queijos diversos, bacon e pão integral. Depois volto para o andar de cima e, como não gosto que a arrumadeira limpe minhas coisas, passo pelo quarto-despensa, pego panos, vassouras e detergentes e começo a limpar o meu quarto.

Me lembro então da minha ex-mulher. Eu sempre me lembro dela quando estou limpando alguma coisa. Eu tinha acabado de comprar a casa e estava montando a Alan Turing Sistemas Especialistas com dinheiro do governo para a informática - dois anos de carência, juros baixos, um negócio de pai para filho - quando cheguei para minha então mulher num sábado de manhã, depois de sei lá quantas tentativas, e disse:

"Nós vamos nos separar."

Ela levou um susto, ficou pálida e, não resistindo ao lugar comum, perguntou:

"Existe outra?"

"Existe", eu disse.

Daí ela chorou, gritou, me cuspiu, me jogou na cara alguns de meus hábitos mais íntimos que, segundo ela, eram abjetos, que ela era muitíssima admirada por vários homens, que eu é que não sabia de nada etc. etc..

Não existia outra. Eu a abandonei por causa da sujeira.

Antes de conhecê-la, eu passei por complexas e instáveis ligações. Como um pára-raios (uma metáfora generosa, eu poderia citar outros objetos), sempre me liguei a mulheres com problemas ideológicos,

psicológicos, familiares, políticos ou feministas, quando não as cinco coisas ao mesmo tempo - vítimas variadas dos anos 60. Nunca consegui seguir a máxima de Nelson Algren, tanto citada e defendida por mim mesmo, de que nunca se deve ir para cama com mulheres com mais problemas do que você.

Até que conheci Marisa e fiquei maravilhado. Doze anos mais nova do que eu, loura de cabelos lisos, estudante de arquitetura, pais da classe média alta. Logo no início do namoro eu fazia aniversário, contei para ela no dia, ela, uma menina, ficou muito sem graça.

"Você devia ter me avisado. Eu não sabia. Eu não tenho nenhum presente para te dar."

"Tem sim. Cadê seus pais?"

"Eles estão na reunião de condomínio."

"Eu quero te ver nua. Temos pouco tempo."

Ela fechou a porta e as cortinas e tirou a roupa. Apesar de toda experiência tremi uma semana. Nos casamos um ano depois numa bela festa no civil e no religioso - para ironia de tantas conhecidas minhas pelo kitsch da cerimônia ou pelas minhas conhecidas posições antiburguesas contrariadas de maneira tão visível e documentada (três álbuns de fotografia e um filme em super 8).

No início fomos morar num bom apartamento de três quartos, presente de seus pais. Passada a lua-de-mel notei que minha linda Marisa não gostava de limpeza. Mas, como vivíamos num constante fair-play, com viagens semanais e diárias saídas noturnas, o fato sequer me incomodou. Mas aquilo que me parecia apenas uma natural adaptação de uma garota mimada ao casamento, se mostrou uma tendência:

cinzas de cigarro aqui e ali, gorduras e restos de comida na cozinha e adjacências, jornais, revistas e pedaços de papel pelos cantos e poeira generalizada, sem contar os banheiros e o quarto de empregada - de situação indescritível.

Com ajuda de arrumadeiras e algum trabalho nos finais de semana, mantive o apartamento habitável pelo menos em algumas áreas como o quarto de casal e o escritório. Entretanto, quando vieram as crianças e comprei um apartamento de quatro quartos, a sujeira, agora com cheiro, encontrou muito mais espaço e começou a se transformar em caso de saúde pública.

Até que chegou aquele sábado de manhã. (Meu avô, fiquei sabendo depois, também abandonou sua segunda mulher, há uns 70 anos antes, pelo mesmo motivo: sujeira. Apenas segui a tradição).

Abro as cortinas e janelas do meu quarto e fico olhando meus objetos antes da faxina. Estabeleço com eles uma relação de dependência - o que hoje exclui minha ex-mulher, segundo a própria. Quando comprei esta casa, derrubei uma parede unindo dois quartos e espalhei estantes, gavetas, armários e escrivaninhas em todas as paredes com uma cama de casal no meio, de forma que basta um giro de 360 graus para eu ver todas as minhas queridas bugigangas.

Um dia escrevo em você, diário querido, o inventário das minhas coisas.

29 de março, 13 horas

Terminada a faxina, vesti uma blusa de náilon azul, peguei a máquina fotográfica com zoom, coloquei um filme de 24 poses e fui para o centro da cidade. Estacionei o carro na rua Rio de Janeiro e - suprema estupidez - eu estava agora no centro da cidade, naquela tristeza que é o centro da cidade, naquela tristeza que é o centro da cidade quando é feriado, naquela tristeza que é o centro da cidade quando é feriado e está chovendo.

Puxei o capuz da blusa cobrindo a cabeça, o que me transformou numa figura ridiculamente infantil, escondi a máquina no bolso e fui, me protegendo da chuva pelas marquises, até à frente da matriz do banco. Atravessei a rua e fiquei debaixo da marquise de uma loja de roupa procurando um ângulo melhor para fotografar.

Ao lado do caixa automático tinha um aglomerado biológico.

O aglomerado biológico às vezes se mexia e, de repente, colocou a cabeça para fora, parecia ter o sexo feminino, mas essa observação foi puramente subjetiva. O(a?) aglomerado(a?) olhou de um lado para o outro e, em seguida, desenhou um enorme cifrão com um lápis cera vermelho na parede do caixa automático.

Fotografei.

Terminadas as fotos, fui almoçar no Carlo's, novamente fugindo da chuva sob as marquises.

Pedi como entrada *potage d'eau et sel*, depois como prato principal *pate de hopital avec vermisseau* acompanhado de *verre d'eau, journal et cure-dent* e, por fim, como sobremesa pedi *sucre avec doigt*. Comi e bebi tudo o que aguentei, mas, como sobrou bastante, mandei que o

garçom embrulhasse o resto em embalagem de alumínio. Resolvi presentear minha "top model" pelas fotos.

Paguei e saí do restaurante, a chuva tinha passado, eu não precisava mais usar meu ridículo capuz. Voltei em frente do banco, o aglomerado biológico ainda estava lá, talvez vivesse sempre lá, com a cabeça para fora.

"A senhora já almoçou?"

"Hem?", a voz era agudíssima. Senti um cheiro terrível.

"Isso daqui é para a senhora", lhe dei a embalagem de comida.

Do meio do aglomerado saíram duas mãos (essa também é uma observação subjetiva), pegaram a embalagem e a abriram.

"Hum, *pate de hopital avec cure-dente!* Argh! Não gosto disso, não. Eu gosto mesmo é de resto de hambúrguer com mostarda."

E jogou a embalagem fora, quase me acertando.

Comprei jornais, peguei o carro e voltei para casa.

Dormi a tarde toda. A noite tirei uma pizza do freezer, esquentei no forno de microondas e a temperei com ketchup e queijo ralado. Fiz um suco de laranja e me dei por satisfeito. Depois fui para o andar de cima e liguei o computador. Eu queria fazer mais algumas tentativas, mas, o grande problema é se tivesse êxito: algumas das companhias é preferível arrancar um dente sem anestesia. Desliguei o computador.

Fiquei folheando um daqueles jornais mineiros, em que não se pode confiar nem na programação de cinema e cuja única opinião corajosa é o horóscopo, até que parei nos classificados. Carros, motos, chácaras, telefones, empregados que se oferecem, máquinas, informática, massagistas e orações.

Massagistas...Por que as massagistas estão sempre espremidas entre a informática (o pessoal do contrabando) e as orações (os ex-aflitos agradecendo as benesses alcançadas)?

Eu estava sozinho. Peguei o telefone e resolvi alugar uma companhia.

29 de março, noite

Percorro a coluna das massagistas.

**Hetaira Escort. Lindas garotas de fino
 trato para executivos de alto nível.
 Atende em hotéis, motéis e residências.**

Telefone.

"Hetaira Escort, boa noite." Uma voz sensual de disco de sacanagem.

"Boa noite. Bom...eh...Eu queria arrumar uma namorada."

"O senhor tem alguma preferência? Se bem que hoje a gente não tem muita escolha por causa dos feriados."

"Uma garota bonita e nova" (O de sempre, quantas vezes a moça do telefone já ouviu isso?). "Ah, e loura. Tem alguma garota loura?"

"Um minutinho que eu vou olhar."

Alguns ruídos, pessoas conversando no fundo.

"Olha, nós temos uma garota aqui que é do jeitinho que o senhor pediu. Ela é loura e é novinha. O senhor vai gostar."

"Você garante?"

"Claro, tenho certeza que o senhor vai ficar muito satisfeito. O senhor conhece as condições?"

"Não."

A telefonista falou as condições: o preço até duas horas, o preço até quatro horas e o preço para dormir. Mais a ida e volta de táxi. Pagamento adiantado.

"Tudo bem."

"O senhor quer me fornecer o endereço?"

Dei o endereço.

Ela repetiu o endereço e o telefone.

"Uai, como é que você sabe meu telefone?"

"A gente tem um aparelho aqui que mostra quem telefona."

"Ah, bom. A garota demora?"

"Não, ela já está saindo. O nome dela é Ailime."

"Obrigado. Boa noite."

"Boa noite."

Tão logo coloquei o telefone no gancho uma onda de arrependimento, medo, estupidez e fracasso me invadiu. Estupidez e medo porque meu nome, telefone e endereço verdadeiros estavam agora registrados como freguês numa casa de massagens, sujeitos sabe-se lá a que destino e eu sou um empresário que procura zelar por sua imagem. Fracasso por não ter conseguido, apesar de tanta

experiência, tantas namoradas e tantas conquistas, uma companhia num simples feriado. E a sensação de fracasso coroando tudo isso.

Pego o telefone e volto a ligar para a Hetaira Escort.

"Por favor, eu acabei de ligar aí pedindo uma companhia...A garota tem um nome diferente..."

"Ailime", a telefonista reconheceu minha voz.

"Isso mesmo. Eu queria cancelar o encontro."

"Ih, ela já saiu. O senhor vai ter que pagar pelo menos a ida e volta do táxi."

"Mas, já saiu?"

"Já."

Tempo.

"Bom, obrigado. Eu resolvo com ela."

Desliguei e procurei me acalmar. De qualquer maneira, a preocupação maior - meu nome registrado - não teria solução, pelo contrário, agora estava registrado duas vezes - tremenda estupidez! Fiquei esperando os longos minutos vendo o resto do jornal.

Quanto a campainha da porta tocou, eu já estava curioso. Desci e peguei o interfone na cozinha.

"Alô?"

"O senhor que pediu uma acompanhante?", perguntou uma voz de adolescente no meio de barulho da chuva e de carros.

"Aqui mesmo", respondi apertando o botão que abria o portão da rua. Fui até a sala e abri a porta. Demorou um pouco, tive que esperar a garota pagar o táxi no meio da chuva e, por fim, ela apareceu, fechou o

portão e entrou em casa. Estava vestida com uma capa de chuva amarela.

"Boa noite. Essa chuva não pára, não?"

"Quer me dar a sua capa? Eu guardo lá no banheiro."

Ela me deu a capa. Vestia um sumarássimo vestido preto. Pernas grossas.

Estiquei sua capa de chuva no banheiro e voltei. A menina estava sentada no sofá da sala. Calcinha branca.

"Você não quis viajar?", perguntei sem muita vontade.

"Eu ia viajar, mas fiquei na casa da minha mãe e dormi até tarde. Quando fui encontrar com minhas amigas, elas já tinham ido, eu cheguei atrasada, a gente ia pro Rio. Quer dizer, elas foram para o Rio."

A menina falava rápido, meio nervosa.

"E aí...aí você foi...trabalhar."

"É...Eu telefonei pra agência e falei que se tivesse cliente eu poderia atender."

"E acabou me conhecendo", eu disse sorrindo. Um sorriso falso. A menina era muito bonita. "Você quer beber alguma coisa?"

"Eu queria receber primeiro. O senhor se importa?"

Uma funcionária que cumpre à risca as normas da empresa.

"Bom, eh...Você pode ficar a noite toda? Até amanhã cedo?"

"Posso. O senhor já sabe o preço, não?"

"Sei, sei. Tudo bem."

Tirei o dinheiro da carteira e paguei a garota. Ela conferiu e colocou o dinheiro numa pequena bolsa que trazia presa no ombro.

"O senhor tem aí um guaraná?"

Fui até à cozinha (será que essa menina não vai me roubar?), abri um guaraná, uma garrafa de vinho, uma lata de castanha e peguei dois copos.

"Aqui é cheio de computador, hem?"

"É. Tem alguns."

"Eu queria aprender a mexer, mas não tenho cabeça pra isso."

"Eu posso te ensinar."

A conversa girou sobre a dificuldade de aprender qualquer coisa, teve um sujeito que lhe prometeu ensinar a pilotar helicóptero, hoje em dia tem computador para todo lado, a chuva que não pára, se guaraná é melhor do que vinho, se castanha é melhor do que amendoim, como é mesmo o seu nome?, por favor, não me chame de senhor, já se passaram uns vinte minutos, até que Ailime (ah, aprendi seu nome) perguntou:

"A gente vai fazer amor aqui no sofá?"

"Não, não. Vamos subir. Eu moro lá em cima."

Subimos. Ailime tirou a roupa e se deitou na cama, confirmando o que eu já desconfiava: para um serviço contratado no escuro, eu tinha tirado a sorte grande: Ailime apesar de loura tinha o corpo de crioula. E, profissional iniciante, se divertiu a noite toda com o píffaro leiteiro.

30 de março

Sábado de manhã.

Deixei Ailime dormindo e desci para fazer café levando presa na cueca a minha carteira de dinheiro. Quando voltei com a bandeja ela estava vendo desenho animado na televisão sentada nua na cama.

"Fiz um lanche pra gente."

"Oh, que bom. Eu estou morrendo de fome."

Pus a bandeja sobre a cama e Ailime se ajeitou perto de mim.

"Liguei sua televisão", ela disse como pedindo desculpas.

"Tudo bem."

"Adoro desenho animado", ela disse com a boca cheia de pão com presunto. "Você tem filme erótico?"

"Erótico só, não. Deve ter alguma coisa, são tantas fitas, mas tem que procurar."

"Eu só vejo mesmo desenho animado e filme erótico."

O primeiro por motivos culturais, o segundo por motivos profissionais, pensei.

"Depois do café, se você quiser tomar um banho..."

"Hum, hum", ela concordou com a boca cheia de queijo e geléia.

"A gente toma um banho junto."

"Hum, hum", ela concordou com a boca cheia de bolachas.

Tomamos um banho juntos e depois usufrui mais uma vez os seus préstimos. Tomamos um segundo banho rápido, ela vestiu meu roupão e fomos passear no andar de baixo. Sentamos no sofá. Ailime mostrava novamente suas pernas e a calcinha, mas já não me interessava.

"Está quase na hora de eu ir embora", disse Ailime olhando no relógio.

Também acho, pensei.

"Que isso, fica mais um pouco", eu disse.

"Agora que eu vi: quem é aquele moço ali na parede?"

"Ah, Alan Turing."

"Quem?"

"A-lan Tu-ring. Um inglês."

"Ele é que é o dono daqui?"

"Não, não. Bom, se certa maneira sim. Mas ele morreu em 1954. Suicidou."

"Oh, coitado. Por quê? A vida é tão boa."

"Você gostou dele?"

"É...Ele é, quer dizer, ele era tão bonito. Você não ficou com ciúmes, ficou?", Ailime falou rindo.

"Não, não. Mesmo que vivesse hoje, acho que ele não gostaria de você."

Só, então, notei o que tinha falado.

Ailime abaixou a cabeça e ficou olhando o chão.

"Desculpe, não era nada disso que eu quis dizer.(Como sou estúpido!) É que ele não gostava de mulher."

Durante alguns segundos, Ailime não disse nada. Senti um grande alívio, quando ela se perguntou:

"Ele era *gay*?" Seus olhos estavam cheios d'água, mas ela relutava em chorar.

"*Fag*. Na época se dizia *fag*."

"E ele suicidou por causa disso?"

"A história é um pouco mais complicada. Ele foi preso e foi obrigado a tomar hormônios para deixar de ser homossexual. Então ele suicidou."

"Por que tem foto dele ali na parede?"

"A empresa tem o nome dele."

"Ele deixou de herança?"

Ri. A pergunta de Ailime me encheu de alegria.

"Claro, claro. Uma grande herança. De certa forma, todos nós que trabalhamos com computador somos filhos dele."

"Filhos de bicha", Ailime disse entre os dentes. A agressão de certa maneira me aliviou. "Eu tenho que ir embora", ela falou decidida.

"Tudo bem."

Voltamos para o andar de cima em silêncio.

Ailime estava vestindo sua roupa, quando viu num porta-retrato eu abraçado com minha filha e com meu filho e atrás a elefanta Beré e o filhote Axé.

"São seus filhos?"

"São. Menos os elefantes", eu disse querendo ser engraçado.

Ela não riu.

"Eu não gosto de ir ao zoológico."

"Eu não gosto de ir sempre ao zoológico."

"A última vez que eu fui lá, eu fui com meu pai. A gente até encontrou com uma mulher e ele ficou conversando. Eu devia ter uns cinco anos. Foi a última vez que ele saiu comigo."

"Meus pêsames."

"Que isso! Ele não morreu não."

"Pelo jeito que você falou..."

"Ele abandonou minha mãe e a gente nunca mais teve notícia. Mas eu sinto que ele está vivo."

"E por causa disso você não gosta de ir no zoológico?"

"É. Eu fico vendo os bichos com pai e mãe juntos, daí eu fico triste, sei lá."

"Você já tentou achar seu pai?"

"Nossa! Já fiz de tudo. Mandeí carta pra polícia, pus anúncio no jornal, mandei carta pra esses locutores de rádio, fui ao centro espírita, fiz novena, tudo. E até hoje nada. Já pedi ajuda pra tanta gente, até pra deputado. Todo mundo promete, mas até agora não vi meu pai. Mas eu vou achar."

Ailime terminou de vestir sua roupa, calçou os sapatos e se maquiou rapidamente.

"Eu tenho que ir. Você abre a porta para mim?"

"Claro." Vesti um calção e uma camiseta.

Fomos de novo para o andar de baixo. Abri a porta e dei-lhe um pudico beijo na testa.

"Onde é que eu pego um táxi?"

"Dois quarteirões aqui pra baixo", apontei.

"Gostei muito de você, amor. Quando quiser me ver, é só ligar para a agência", ela disse maquinalmente.

Na porta fiquei vendo ela se afastar. Mais uma vez na minha vida uma mulher que tudo que fala eu já sei, tudo que eu falo ela não entende.

Lá pelas dez horas fui ao shopping. Não foi uma idéia muito brilhante: o shopping estava lotado de carros, adultos e crianças e eu pensei que toda a cidade tinha viajado. Comecei, então, a olhar as lojas, a pretensão era me comportar apenas como um desocupado flaneur, mas